



# **Exposição** **Januário Godinho (1910-1990) - a obra e o arquitecto**

## **Encontro** **A modernidade em debate**

Ana Nápoles . Ana Tostões . António Guedes . Fátima Sales  
J. Manuel Fernandes . Jorge Cunha Pimentel . Luciana Rocha  
Michele Cannatà . Rui Bianchi . Rui Duarte . Susana Milão

Biblioteca Municipal Albano Sardoeira  
Largo de Santa Clara, 4600-034 AMARANTE  
8 de Janeiro de 2016

Apoios:



# Revisitar Januário Godinho: mercados, lotas e equipamentos para a Hidroelétrica do Cávado<sup>1</sup>

Autoras: ROCHA, Luciana; LAMEIRA, Gisela

O presente artigo tem como objectivo o enfoque de um conjunto particular de obras projectadas pelo arquitecto Januário Godinho, nomeadamente os mercados e lotas construídos em Ovar, Amarante e Louro e os equipamentos realizados para a Hidroelétrica do Cávado. Tratando-se de edifícios construídos entre 1934 e 1972, para além do enquadramento das suas características arquitectónicas, pretende-se, especificamente, revisitar e documentar o seu estado actual, expondo distintos estados de conservação e estratégias de intervenção.

## Introdução

Januário Godinho (1910-1990) nasceu em Santa Maria de Válega, Ovar<sup>2</sup>. Enquanto arquitecto, exerceu a sua actividade profissional no Porto, tendo no início da sua carreira colaborado com figuras eminentes da cultura arquitectónica portuguesa, nomeadamente com o arquitecto Rogério de Azevedo. Diversos autores referem as suas viagens ou relações próximas com a Holanda como forte influência em alguns aspectos da sua produção arquitectónica<sup>3</sup>.

Januário Godinho construiu obras de arquitectura em diversos pontos do país, em contexto urbano e rural, ao longo de mais de cinco décadas, atravessando naturalmente distintos períodos da História da Arquitectura Portuguesa. Percorrendo a listagem de obras projectadas e construídas, a diversidade de encomenda e a forma como as suas obras se distribuem pelo território é de certo modo inesperada, não se concentrando unicamente na região Norte do país: edifícios escolares (projectos em Porto, Funchal, Chaves, etc), bancários (Luanda, V. N. Famalicão, Aveiro, Porto, etc.), tribunais (Tomar, Ovar, Vila do Conde, Évora, etc.) e paços do concelho (V. N. Famalicão, por exemplo). O arquitecto projecta igualmente termas, teatros, edifícios para acção social, sanatórios, restaurantes, pousadas, monumentos, mercados, edifícios industriais, igrejas, hotéis, edifícios de habitação unifamiliar e plurifamiliar, desenvolvendo também planos urbanos para várias localidades<sup>4</sup>.

A sua obra é profundamente eclética ao nível da concepção arquitectónica, não se fixando nem em estilos, nem em linguagens particulares. Percorrendo os seus projectos, não é de estranhar localizar edifícios temporalmente próximos que remetem para opções arquitectónicas substancialmente distintas, oposição que transparece desde logo na escolha do repertório de materiais e linguagens.

O seu legado arquitectónico mais significativo tem sido alvo de registo sistemático, estabelecendo-se frequentemente como critério a eminente modernidade presente em algumas obras. Nesse sentido, constata-se um natural 'encantamento' pelas suas obras de linguagem mais despojada e gráfica, reproduzidas consistentemente em Guias de Arquitectura<sup>5</sup> e Bases de Dados de Arquitectura Moderna<sup>6</sup>. No Porto, as suas casas de inspiração 'art-déco' constituem-se como obras relativamente conhecidas, assim como a Lota de Massarelos, edifício projectado no início da década de 1930. Os prédios que projectou e construiu no início da década de 1960, de aspecto urbano, anónimo e convencional, ou as casas e prédios de tendência tradicionalista, compactos e maciços, representam obras arquitectónicas ignoradas com maior facilidade, face ao seu carácter corrente.

---

<sup>1</sup> Este artigo tem como base a investigação conduzida na execução do livro G. Lameira, L. Rocha, Januário Godinho, 8, Coleção Arquitectos Portugueses - série 2. Avelada: Editora Verso da História, 2013. ISBN 978-989-8657-43-5. Fotografias © Carlos Albuquerque Castro, excepto as assinaladas.

<sup>2</sup> Sobre a biografia de Januário Godinho, cf (Tavares, 2012) e (Portas, 1987, p. 74)

<sup>3</sup> (Tavares, 2012, p. 47), (Fernandez, 2012, p. 48)

<sup>4</sup> Para confirmação dos projectos/ obras de Januário Godinho, cf. listagens constantes no Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) e listagens elaboradas pelo próprio arquitecto constantes em Dissertação de doutoramento concluída (Sales, 2000).

<sup>5</sup> (Tostões, 2003), (Fernandes & Cannatà, 2003)

<sup>6</sup> (Afonso, 2006)

A actividade profissional de Januário Godinho conta, desde o início da década de 1930, com um número significativo de obras de encomenda privada e pública, sobressaindo, neste último caso, a concepção de edifícios destinados a tribunais, Paços do Concelho e mercados. Para além destes edifícios, no percurso profissional de Januário Godinho ressaltam de um modo evidente as propostas para a Hidroeléctrica do Cávado, incursões que vão dar origem à construção de um conjunto de edifícios com diferentes funções.

Neste artigo foca-se especificamente a produção arquitectónica de carácter público, nomeadamente os mercados e lotas e as obras projectadas para a Hidroeléctrica do Cávado, procurando abordar-se o contexto da sua produção e o seu estado actual, um percurso de revisita que evidencia distintos processos de metamorfose ou transformação nas últimas décadas.

## Mercados e Lota(s)

Os mercados, espaços comerciais ou de apoio ao comércio (conservação/frigorífico) traduzem-se em edifícios de excepção no tecido urbano, de carácter industrial, condicionados pelo programa específico que albergam. Considerando os Mercados e Lotas projectados por Januário Godinho ao longo do seu percurso profissional, destaca-se a diversidade de soluções desenvolvidas como resposta às diferentes exigências funcionais e contextos urbanos. Enquanto produção arquitectónica, este conjunto de edifícios assemelha-se pela experimentação espacial e formal, assim como pelo recurso a linguagens/referências externas, indicadores de um propósito arquitectónico comum.

O primeiro edifício projectado por Januário Godinho neste âmbito é a **Lota de Massarelos**, no início da década de 1930. Trata-se de um edifício em gaveto que articula dois volumes com diferentes programas funcionais. O volume construído que estrutura o gaveto, em curva e com três pisos, integra escritórios, gabinetes e espaços de apoio à lota. A entrada com duplo pé direito, ligeiramente recuada, evidencia-se na fachada através de uma escadaria e uma pala que acompanham o movimento geométrico da edificação. O acesso ao segundo volume, pela Alameda Basílio Teles, é definido pela pala que intersecta os quatro pórticos estruturais que se projectam na fachada. A bolsa do pescado define-se, no essencial, por um espaço nuclear de dimensões significativas, caracterizando-se pela amplitude espacial, pelo pé-direito elevado e pela cobertura em arco definida por uma rede estrutural intercalada por planos de tijolo de vidro que permitem a entrada de luz natural.

Condicionado por questões programáticas e estruturais, o edifício da lota revela uma linguagem simples e clara, despojada de excessivos elementos decorativos. O seu valor expressivo advém do jogo volumétrico das fachadas e do contraste entre os planos de parede e vidro. Neste edifício é possível evidenciar múltiplas influências internacionais, desde o expressionismo alemão ao neoplasticismo holandês<sup>7</sup>, referências das quais Januário Godinho, mais tarde tende a afastar-se, procurando uma linguagem mais própria.



Fig. 1 e 2 – Lota de Massarelos. Reconversão em Hotel (2016) © Gisela Lameira

<sup>7</sup> (Tostões, 1999)





Fig. 3 e 4 – Lota de Massarelos (2012)

O **Mercado de Ovar** [1950], ao contrário da Lota de Massarelos, não concentra o programa funcional num único edifício. Este edifício desenvolve-se num conjunto de volumes que se evidenciam na estrutura urbana pela relação que estabelecem com as preexistências. As várias especialidades do programa distribuem-se por distintos corpos que se dispõem organicamente em torno de um espaço livre, central e exterior, que serve de extensão ao mercado.

Neste conjunto edificado, Januário Godinho define um conjunto de percursos, direcções e centralidades, articulados num jogo de volumes, texturas e materiais que revelam uma experimentação formal diversificada. O recurso a volumes curvos, coberturas abobadadas, muros em tijolo perfurado, planos de mosaico hidráulico e lajes de betão em perfil 'asa de borboleta' assentes sobre *pilotis* de reduzida secção, indiciam o recurso a referências particulares, nomeadamente as propostas da arquitectura brasileira, resultando numa diversidade espacial e formal que se verá repetida, mais tarde, e em moldes distintos, no Mercado de Amarante.



Fig. 5 e 6 – Mercado de Ovar (2013)





Fig. 7 e 8 – Mercado de Ovar (2013)

O **Mercado de Amarante** [1959] tira partido da diferença de cota existente entre a margem do rio e a via pública, localizando-se estrategicamente junto ao rio Tâmega. Trata-se de um espaço aberto e coberto estruturado em dois níveis, no qual se distribuem as diferentes especificações do programa. Embora com maior contenção, repete-se o repertório arquitectónico experimentado no Mercado de Ovar, ainda que com distintas combinações de formas, materiais e texturas, desde paredes de tijolo perfurado, muros de pedra ou lajes de betão pré-fabricado. Os elementos estruturais dominam arquitectonicamente o conjunto edificado: a cobertura composta por módulos com perfil de losango assente em *pilotis* quadrangulares ou a estrutura de pilar/viga em T de cor vermelha de suporte à laje de betão da varanda do nível superior, indiciam, também neste edifício reminiscências das opções estéticas em vigor na arquitectura brasileira.

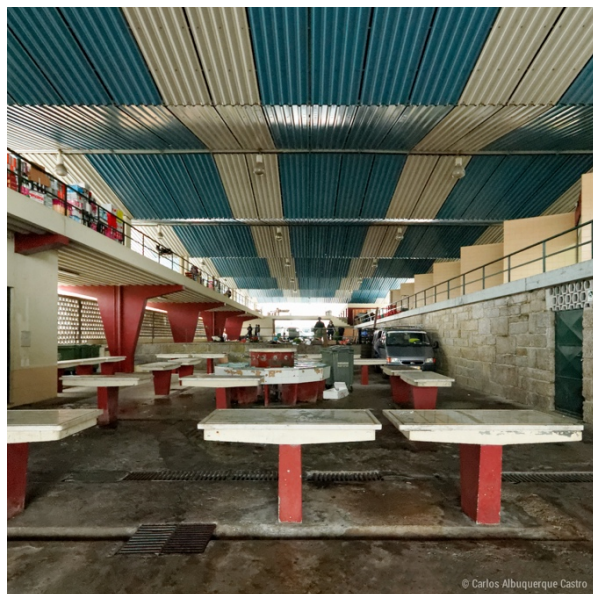


Fig. 9 e 10 - Mercado de Amarante (2013)

O **Centro Comercial do Louro** [1969-1972], parte integrante de um arranjo urbanístico desenhado por Januário Godinho que inclui o Centro Pastoral e os arranjos exteriores da Igreja Paroquial, em Vila Nova de Famalicão, contrasta de um modo evidente com o contexto em que se insere, tanto ao nível da linguagem como da volumetria. Este espaço comercial de dimensões contidas, apresenta uma implantação condicionada pela envolvente, nomeadamente pela via pública, com a qual confronta, e pelas construções preexistentes. Neste edifício destaca-se um pátio de matriz quadrangular cujo centro é definido por um tanque de planta octogonal. A sua forma particular revela uma clara influência de alguns elementos arquitectónicos característicos da arquitectura romana - o implúvio -, estrutura que consiste simultaneamente num sistema de recolha das águas pluviais que entram por uma abertura central na cobertura, e num dispositivo de iluminação dos espaços interiores. Neste edifício repetem-se não só materiais de revestimento, mas também relações entre planos envidraçados e paredes texturadas, o que sugere uma intenção formal de definição de uma linguagem arquitectónica.



Fig. 11 e 12 – Centro Comercial do Louro (2013)



Fig. 13 e 14 – Centro Comercial do Louro. Pátio central (2013)

Estes quatro edifícios sofreram naturais alterações desde a época da sua construção até à actualidade, e em distintos moldes. O Mercado de Amarante e o Centro Comercial do Louro mantiveram a sua função inicial, estando em funcionamento em 2013 (data do actual registo fotográfico). Ambos os edifícios não foram alvo de intervenções de manutenção ou reabilitação aprofundadas, apresentando-se no essencial num estado próximo ao original, progressivamente em degradação (que se manifesta de um modo evidente nas coberturas, elementos de revestimento cerâmico e betão armado).

O Mercado de Ovar, pelo contrário, foi alvo de uma reabilitação concluída recentemente, que abarcou todo o complexo construído, traduzindo-se em intervenções nas coberturas, infraestruturas, espaços de trabalho e de venda ao público. Relativamente ao projecto de construção inicial, são particularmente evidentes as alterações ao nível de materiais de revestimento e de cobertura, nomeadamente a substituição das placas de fibrocimento por painéis de zinco, o revestimento de pilares com chapa de alumínio tipo 'Alucobond', ou a substituição da caixilharia original.

A Lota de Massarelos, neste conjunto, representa o caso com maior grau de intervenção, tendo sofrido total alteração de uso, após um período prolongado de abandono e progressivo processo de degradação. Classificado como Imóvel de interesse público em 1977<sup>8</sup>, o edifício foi transformado recentemente num hotel, um processo que apesar de transformação radical, não se traduziu numa alteração da imagem exterior do edifício.

<sup>8</sup> Classificação publicada em Diário da República nº 226/1977, Série I, Decreto 129/77 de 29 de Setembro.



## Hidroeléctrica do Cávado (HICA)

Em 1945, a empresa Hidroeléctrica do Cávado (HICA) deu início a um projecto de aproveitamento eléctrico entre o rio Cávado e o seu afluente Rabagão que se desenvolveu ao longo de quase duas décadas. Com o apoio de uma equipa técnica de profissionais da HICA, Januário Godinho foi o arquitecto responsável por grande parte dos planos, projectos dos aglomerados habitacionais e equipamentos técnicos de apoio aos aproveitamentos hidroeléctricos. Este conjunto de obras demonstra a capacidade do arquitecto de relacionar o desenho da arquitectura com a essência do lugar e denuncia o seu sentido transformador do território.

### Centrais Hidroeléctricas: Vila Nova, Salamonde e Caniçada

As centrais hidroeléctricas são edifícios de carácter industrial concebidos para responder a exigências específicas de extracção hidroenergética. Estas construções de dimensão significativa caracterizam-se pela localização estratégica, geralmente numa cota baixa, junto ao rio, para aproveitamento dos recursos naturais.

As centrais desenhadas por Januário Godinho para a HICA encerram uma linguagem moderna, com formas claras e definidas, despojadas de artifícios estéticos e decorativos e caracterizam-se pelo uso do betão como resposta a questões formais e funcionais: a estrutura porticada é geralmente assumida na fachada por elementos pré-fabricados em betão intercalados por panos de vidro. Do mesmo modo, a amplitude do espaço interior denota uma relação intrínseca entre a estrutura e a forma, em função das necessidades específicas do programa funcional.

A linguagem arquitectónica deste conjunto de obras distingue-se pelos jogos de luz/sombra e cheios/vazios por entre panos de parede, fenestraçãoes, envidraçados e volumes de diferentes alturas com coberturas de diversas formas. Com efeito, os edifícios das centrais diferenciam-se pela relação que estabelecem com a envolvente e pelo próprio desenho que apresentam: forma, dimensão, volumetrias.

Implantada na margem do rio Cávado, a **central de Vila Nova [1948-1950]** é adossada à encosta de declive acentuado que ladeia a costa ribeirinha. Como resultado, o edifício estabelece-se na paisagem numa relação aparentemente contraditória entre natureza e tecnologia, intenção reforçada pela instalação dos equipamentos da subestação na cobertura/terraço da central. A escala acentuada do portão de entrada lateral e dos dispositivos de iluminação exterior acompanham a linguagem e reforçam a dimensão considerável do conjunto.

A **central de Salamonde [1947]**, de menor dimensão, é composta por dois volumes diferenciados quer pela forma como pela função que albergam. O primeiro caracteriza-se pela cobertura abobadada com tramos rectos e pela fachada longitudinal ritmada verticalmente por panos de vidro intercalados com pórticos de betão. Este volume integra os principais equipamentos técnicos para a produção hidroeléctrica. O segundo, menor em proporção e altura, concentra o restante programa funcional. Esta central difere ainda na localização da subestação, implantada no espaço exterior lateral.

A **central de Caniçada [1950-1951]** é a maior e mais imponente central hidroeléctrica do conjunto em análise. Situa-se numa cota mais elevada, acima do nível da barragem, próxima da via de comunicação que estrutura o aglomerado habitacional. Ocupa uma área de implantação de dimensão significativa maioritariamente ocupada por equipamentos eléctricos. O edifício longo e rectilíneo é composto por três corpos com diferentes alturas, formas e funções e caracteriza-se pelo uso do tijolo na construção das fachadas, para além do habitual betão.

Apesar da progressiva diminuição da produção eléctrica nestas centrais, os edifícios subsistem no tempo sem transformações significativas, o que se comprova pela comparação entre as imagens de época e os registos fotográficos recentes de 2013. Porém, denota-se um expressivo desgaste dos materiais, nomeadamente o betão, evidente sobretudo na Central de Vila Nova.

A passagem do tempo atenuou a presença destas construções na paisagem especialmente pela consolidação da vegetação envolvente. No entanto, a dimensão significativa das construções e a expressão dos equipamentos técnicos das subestações asseguram o carácter transformador do território originalmente assumido pelo autor.



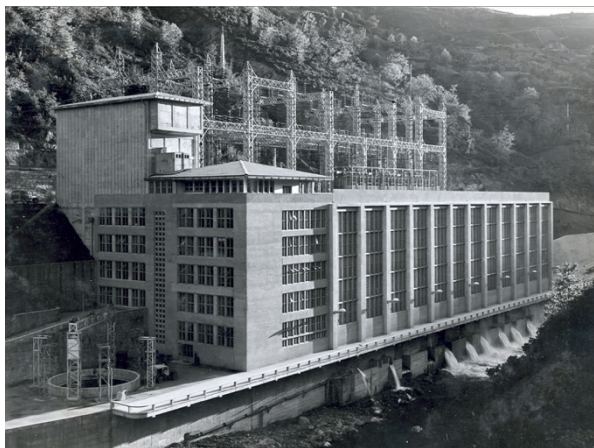


Fig. 15 – Central Hidroelétrica de Vila Nova (1952) ©Arquivo fotográfico EDP



Fig. 16 – Central Hidroelétrica de Vila Nova (2013)



Fig. 17 – Central Hidroelétrica de Salamonde (1954) ©Arquivo fotográfico EDP



Fig. 18 – Central Hidroelétrica de Salamonde (2013)



Fig. 19 – Central Hidroeléctrica da Caniçada (s/data) ©Fotografia Alvão. Arquivo fotográfico EDP

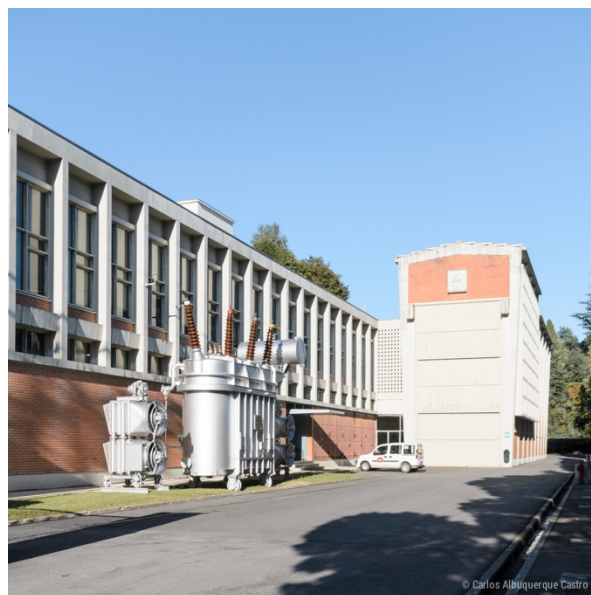


Fig. 20 – Central Hidroeléctrica da Caniçada (2013)



Fig. 21 e 22 – Central Hidroeléctrica da Caniçada (2013)



### **Pousadas de Vila Nova e Salamonde. Restaurante e dormitório da Caniçada**

As pousadas são concebidas como parte integrante dos aglomerados habitacionais de apoio às centrais hidroeléctricas. Estes edifícios assemelham-se pela localização de referência nos respectivos núcleos e pela aplicação simultânea de materiais e sistemas construtivos tradicionais e modernos. Porém, diferenciam-se na relação que estabelecem com a envolvente, determinada pela forma e características arquitectónicas de cada conjunto. Inserindo-se em contextos singulares com características específicas, dão origem a volumes que se destacam pelas suas tipologias de implantação.

A **Pousada de Vila Nova [1948-1950]** situa-se na plataforma inferior do aglomerado habitacional, isolada, numa posição privilegiada de relação com a envolvente. Trata-se de um edifício longo e curvilíneo cuja implantação acompanha a morfologia do terreno. A geometria da construção desenvolve-se a partir de um centro gerador para onde confluem os principais alinhamentos. O uso da curva tinha sido já iniciado por Januário Godinho na Lota de Massarelos [1934] ou na Casa Afonso Barbosa [1940-42] indiciando uma hipotética influência do arquitecto Frank Lloyd Wright que em determinado momento introduz geometrias circulares nas suas obras.



A principal comunicação com o exterior estabelece-se pelas duas varandas – sala e quartos – que acompanham o desenho da fachada principal, sugerindo uma relação controlada com a envolvente. A organização do espaço interior caracteriza-se por uma divisão bipartida dos acessos pela definição de duas entradas, opostas, junto aos dois extremos do volume, para o pessoal operário e o pessoal dirigente e do programa funcional tanto no rés-do-chão como no primeiro piso. Da linguagem arquitectónica do conjunto assinala-se o jogo de texturas e materiais e o contraste entre as paredes de granito e alvenaria e os panos envidraçados da fachada principal, numa concordância entre uma linguagem vernacular e moderna.



Fig. 23 – Pousada de Vila Nova (1951) ©Arquivo fotográfico EDP



Fig. 24 – Pousada de Vila Nova (2013)



Fig. 25 – Pousada de Vila Nova (1951) ©Arquivo fotográfico EDP



Fig. 26 – Pousada de Vila Nova (2013)

A **Pousada de Salamonde [1950]** difere por se situar na cota mais alta do bairro, numa posição sobrelevada em relação ao terreno, usufruindo de um enquadramento privilegiado sobre a paisagem. O conjunto é composto por dois volumes ortogonais e um espaço de estar exterior de contemplação da natureza. As torções e recuos identificados no desenho da implantação resultam de adaptações necessárias à envolvente. O programa funcional é claramente distribuído: os espaços de serviço ocupam o bloco de menor dimensão e o corpo principal, com dois



pisos, alberga os espaços sociais e os quartos. As varandas de remate dos topos são prolongamentos dos espaços interiores sobre a paisagem, numa procura de inter-relação espacial.

Esta pousada denota uma atenção particular na articulação de materiais e de sistemas construtivos tradicionais e modernos. Exemplo disso é a relação entre a pedra, a madeira, o ferro e o betão no alpendre/varanda coberta. De certo modo evidente é também a referência aos espigueiros quer pelo desenho do beiral de madeira, como pela cobertura inclinada de telha, a textura das portadas de madeira ou o balanço do primeiro piso acentuado nas varandas dos topos.



Fig. 27 – Pousada de Salamonde (s/data) ©Fotografia Alvão. Arquivo fotográfico EDP



Fig. 28 – Pousada de Salamonde (2013)



Fig. 29 – Pousada de Salamonde (1952) ©Fotografia Alvão. Arquivo fotográfico EDP



Fig. 30 – Pousada de Salamonde (2013)

No **bairro de Caniçada**, o **restaurante/dormitório [1950-1951]** também se situa num lugar proeminente, no ponto mais alto do aglomerado. O conjunto é definido por dois volumes autónomos - restaurante e dormitório para o pessoal dirigente e auxiliar solteiro - ligados por intermédio de um alpendre que acompanha o movimento curvilíneo do edifício principal.

O restaurante é implantado sobre um rochedo e adapta-se às plataformas que o definem. Tal como em Vila Nova, a geometria adoptada resulta da adaptação às preexistências e os enquadramentos visuais e a relação com a

envolvente determinam a orientação das construções. O desenho curvilíneo que define o edifício e os principais alinhamentos que determinam os seus remates laterais e a direcção do volume do dormitório anexo convergem num único ponto, centro geométrico de todo o conjunto. O volume do restaurante distingue-se pelas relações estabelecidas com os espaços interiores: continuidade espacial e visual entre os espaços de estar e a entrada, diferentes pés-direitos, relações visuais com a envolvente numa perspectiva acelerada enfatizada pela inclinação da cobertura. Tal como na Pousada de Salamonde, neste conjunto identificam-se relações entre materiais, texturas e jogos de luz e sombra: planos de granito, paredes de alvenaria e envidraçados.

Ao contrário das centrais, os equipamentos de apoio aos aproveitamentos hidroeléctricos sucumbiram ao abandono e consequente ruína. Os registos fotográficos retratam o avançado estado de degradação destas construções em 2013, sobretudo pelas diversas patologias estruturais e materiais apresentadas.

Neste contexto, importa salientar a importância da protecção patrimonial na preservação do legado arquitectónico, nomeadamente através de regulamentação que obriga a obras de conservação. Porém, neste caso, embora se reconheça a qualidade excepcional deste conjunto, a ausência de classificação e consequente protecção não permite impor acções de intervenção, podendo ocorrer situações limite de perda e destruição. Com efeito, no caso específico da perda de função dos edifícios, a solução pode passar pelo desenvolvimento de estratégias locais de reocupação nomeadamente ligadas ao turismo.



Fig. 31 – Restaurante de Caniçada (1956) ©Fotografia Alvão. Arquivo fotográfico EDP



Fig. 32 – Restaurante de Caniçada (2013)





Fig. 33 e 34 – Restaurante de Caniçada (2013)

### Algumas notas finais

O valor do legado arquitectónico do arquitecto Januário Godinho, para além da qualidade dos seus projectos e obras construídas, prende-se de igual modo com a forma como a maioria dos seus edifícios subsiste no tempo (ainda que algumas tenham sucumbido ao abandono e consequente ruína), sem conflito nem contraste com a envolvente próxima.

O revisitar destas obras na actualidade, para além de permitir constatar o seu estado de conservação, estimula o questionamento relativamente aos desafios que se colocam à intervenção no património construído existente, especialmente o que não se encontra abrangido por programas de classificação ou protecção arquitectónica, frequentemente de resolução contraditória ou de difícil consensualidade: a substituição de materiais de origem por materiais de fabrico contemporâneo, a alteração de cores, ou a alteração de volumetrias, por exemplo. Em casos mais extremos, a total reafecção funcional ou, num pólo oposto, o abandono e degradação progressiva.

Mais do que avaliar aprofundadamente as estratégias de intervenção (ou a sua ausência) relacionadas com cada um dos edifícios retratados, o objectivo deste artigo prendeu-se com a consciencialização da necessidade de enfoque, também no que diz respeito às obras de maior folego do arquitecto Januário Godinho, na sua condição actual ou possibilidades de transformação futura.

### Referências bibliográficas

- Afonso, João (Ed.). (2006). *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- Fernandes, Fátima, & Cannatà, Michele. (2003). *Guia da Arquitectura moderna: Porto 1925/2002*. Porto: Asa.
- Fernandez, Sérgio. (2012). Januário Godinho - Profissional controverso. In A. Cardoso, F. Sales & J. C. Pimentel (Eds.), *Januário Godinho - Leituras do Movimento Moderno*. Porto: CEEA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP.
- Gomes, Susana Clara Mortágua. (2005/2006). *As pousadas da Hidroeléctrica do Cávado: Januário Godinho, a natureza, a tradição e o realismo regionalista - uma constante busca da originalidade*. (Prova Final para Licenciatura em Arquitectura), Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.
- Moreira, César Machado. (2011). *Hidroeléctrica do Cávado: A paisagem como património*. Paper presented at the Património em construção, LNEC, Lisboa.



Moreira, César Machado. (2012). *The HICA Central Workers Quarters*. Paper presented at the Surveys on Vernacular Architecture. Their significance in 20th century architectural culture, Porto.

Portas, Nuno. (1987). Januário Godinho. 1910 *Desenho de Arquitectura*. Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes.

Sales, Fátima. (2000). *Januário Godinho na arquitectura portuguesa 1910 • 1990: a outra face da modernidade*. (Dissertação de Doutoramento), Escuela Tecnica Superior de Arquitectura da Universidad de Valladolid.

Tavares, André. (2012). *Duas obras de Januário Godinho* (1ª ed.). Porto: Dafne Editora.

Tostões, Ana. (2003). *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. Lisboa: IPPAR.

Tostões, Ana. (1999). Januário Godinho: Arquitectura na continuidade D.A. *Documentos de Arquitectura* nº2 (pp. 62-73). Lisboa: Associação de Estudos Documentos de Arquitectura.

## Biografias

**Luciana Rocha** (Santa Maria da Feira, 1983). Arquitecta. Licenciada pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) em 2007. Membro integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU – FAUP), Grupo de Investigação ‘Atlas da Casa’. Enquanto profissional liberal colaborou no gabinete do Arquitecto Eduardo Souto de Moura entre 2008 e 2010.

No âmbito da investigação que desenvolve, frequentou o laboratório *Techniques et Sauvegarde de l’architecture modern* (TSAM) na *École Polytechnique Fédérale de Lausanne* (EPFL) sob a supervisão do Professor Franz Graf. Integra a equipa do projecto FCT “Mapping Public Housing: a critical review of the State-subsidised residential architecture in Portugal (1910-1974)” coordenado pelo Professor Rui Ramos (CEAU/FAUP). Tem como tema de estudo o reconhecimento, a caracterização e a salvaguarda de edifícios de habitação plurifamiliar moderna no Porto, sob orientação da Professora Doutora Ana Tostões e do Professor Doutor Luís Soares Carneiro.

**Gisela Lameira** (Viseu, 1978). Arquitecta. Licenciada em Arquitectura (FAUP, 2002), Mestre em Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitectura (FAUTL, 2010), defendendo tese intitulada: “A Rua de Sá da Bandeira no Porto. Topologia(s) do Habitar Colectivo”. Membro integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP, CEAU – FCT), Grupo de Investigação ‘Atlas da Casa’. Investigadora integrada no projecto FCT “Mapping Public Housing: a critical review of the State-subsidised residential architecture in Portugal (1910-1974)” coordenado pelo Professor Rui Ramos (CEAU/FAUP). Desenvolve investigação sobre os processos de produção (concepção e transformação) da Habitação plurifamiliar corrente portuense, edificada de raiz na 1ª metade do séc. XX, no âmbito específico da Teoria e História da Arquitectura, sob orientação do Professor Doutor Francisco Barata Fernandes.

Enquanto profissional liberal colaborou com o CPGAS - Carlos Prata, Gabinete de Arquitectura e Serviços, Lda, entre 2001 e 2011.